



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario N. 7, Vol. 2 (2013)
ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,
Universidad de la República. www.fermentario.fhuce.edu.uy

Faculdade de Educação, UNICAMP. www.unicamp.br

ENTRE A HERMENÊUTICA DO SUJEITO E FILOSOFIA MESTIÇA: PROPOSIÇÕES PARA SE PENSAR O ESQUECIMENTO DO CUIDADO DE SI E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO¹

Maria Emanuela Esteves dos Santos
Agência Financiadora: FAPESP

Resumo

A proposta desse trabalho consiste em realizar aproximações entre os conceitos *cuidado de si*, trabalhado por Foucault em *A hermenêutica do sujeito*, e *educação como mestiçagem*, conforme pensado por Michel Serres em *Filosofia mestiça*. A aproximação entre os dois conceitos nos permite perceber que a educação instituída em seus espaços legítimos, como a escola, está permeada hoje pela ideia de transmissão de conhecimento, em detrimento de uma constituição de si em relação com o mundo e com a verdade, isto é, constituída num esquecimento do cuidado de si. Pensar a educação entre o

¹ As ideias trabalhadas nesse artigo foram inicialmente apresentadas no Segundo Congresso Latinoamericano de Filosofia da Educação, realizado em 2013 em Montevideu- Uruguai e contaram com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

cuidado de si e a mestiçagem é um exercício de propor outras posturas e condutas na relação mestre, aluno e conhecimento, num esforço de fazer adentrar no pensamento educacional as reflexões sobre o seu papel na constituição do sujeito em sua relação com a verdade.

Palavras-chave: Conhecimento; Cuidado de si; Educação; Mestiçagem.

Resumen

El propósito de este estudio consiste en llevar a cabo las aproximaciones entre los conceptos del cuidado de sí mismo, trabajado por Foucault en *La hermenéutica del sujeto*, y la educación como mestizaje, como el pensamiento de Michel Serres en *El tercero instruido*. El acercamiento entre los dos conceptos nos permite darnos cuenta de que la educación instituida en sus espacios legítimos, tales como la escuela, hoy está impregnada por la idea de transmisión del conocimiento, en la pérdida de una constitución de sí mismo en relación con el mundo y con la verdad, esto es, constituida en la omisión del cuidado de sí mismo. Pensar en la educación entre uno mismo y el mestizaje es un ejercicio de proponer otras posturas y comportamientos en relación al profesor, el estudiante y el conocimiento en un esfuerzo para entrar en el pensamiento educativo de las reflexiones sobre su papel en la constitución del sujeto en su relación con la verdad.

Palabras clave: Conocimiento, Cuidado de sí mismo, Educación, Mestizaje.

Abstract

This paper proposes approaching the concepts of *care of the self*, developed by Foucault in *The Hermeneutics of the Subject*, and of *education as blending*, as conceived by Michel Serres in *The Troubadour of Knowledge*. Approaching these concepts allows us to notice that the education established in its legitimate spaces, such as schools, is infused with the idea of transmission of knowledge, to the detriment of self-building in connection with world and truth, that is, self-building upon forgetting the care of the self. Reflecting on education between the care of the self and blending is an attempt to propose another conduct of or postures on the teacher- pupil-knowledge relation. It is an effort to make educational thought enter the reflections on its role in constituting the subject in his/her relation with truth.

Key words: Knowledge; Care of the self; Education; Blending.

Introdução

A reflexão que esse artigo busca fazer parte a princípio do problema o *esquecimento do cuidado de si* e vai mais além, esse “esquecimento” resulta em consequências para a educação. Ao mesmo tempo, supõe que a filosofia de Michel Serres, mais especificamente a obra *Filosofia Mestiça*, possa trazer algumas contribuições para pensar esse problema.

Certamente essa problemática muito nos motiva. Todavia, antes de mergulharmos na proposta mais específica do artigo, é preciso retomar alguns passos atrás. Primeiramente para pensar: no que consiste essa noção de cuidado de si? De que forma e aonde aconteceu o seu esquecimento? Em seguida, o que compreendemos por educação, tal qual suscetível de ser afetada por esse esquecimento e de que maneira a filosofia de Michel Serres pode trazer contribuições para pensar esse problema?

Para retomar esses passos é preciso esclarecer que a noção de cuidado de si a qual nos referimos nesse trabalho corresponde àquela estudada por Foucault nos últimos cursos que ele ministrou no Collège de France, mais especificamente no curso de 1982, *A Hermenêutica do sujeito*. Nessas aulas, Foucault vai buscar nos textos da Antiguidade Clássica, a concepção de cuidado de si naquilo que a constitui como acesso à verdade e prática de espiritualidade. Ao levantar essa questão, Foucault destaca, entre outras coisas, a relevância do mestre para a constituição de si enquanto sujeito. Trata-se, portanto, de uma relação de aprendizagem associada a uma dimensão de educação como condução espiritual ou como formação de sujeito.

Não obstante, a concepção *cuidado de si* retomada por Foucault nessas aulas levanta ainda uma discussão maior para a constituição do sujeito, articulada entre as noções “cuidado” e “conhecimento” de si. Nesse sentido, Foucault irá problematizar a preponderância ao longo da história do conhecimento, compreendido enquanto racionalidade sobre si - *é preciso saber o que se é* - sobre o cuidado, compreendido como prática de espiritualidade – *é preciso buscar modos de ser o que se é*.

Assim, seja por uma discussão sobre o lugar do mestre no cuidado de si, seja por uma problematização da racionalidade sobre os modos de ser, as

reflexões de Foucault em *A Hermenêutica do Sujeito* nos incitam – mesmo que indiretamente – a pensar a educação e como ela acontece hoje em suas instituições legítimas, como a escola, principalmente a partir da retomada de conceitos como condução espiritual, cuidado de si e constituição de sujeitos.

No mesmo sentido, o filósofo francês Michel Serres traz por sua vez, principalmente em *Filosofia Mestiça*, algumas proposições que nos permitem essa aproximação com a relação de aprendizagem nos dias atuais. Acreditamos que ao trabalhar o conceito de *educação como mestiçagem*, Serres nos aproxima, de alguma forma, das reflexões trazidas por Foucault sobre o cuidado de si na Antiguidade, sobretudo, ao problematizar as relações educativas para além da transmissão de conhecimentos e habilidades, em busca de condutas e modos de ser que constituam o sujeito e sua relação com a verdade. E em meio a essas proposições destaca-se a função do mestre, o condutor espiritual ou simplesmente aquele que contraria.

Assim, é por meio desses dois eixos condutores – a tensão entre o cuidado de si e o conhecimento de si por um lado e o papel do mestre na constituição dos sujeitos por outro – que nosso trabalho busca transitar pelas reflexões de Foucault em *A Hermenêutica do sujeito* e de Michel Serres em *Filosofia mestiça* para pensar o esquecimento do cuidado de si e seus reflexos na educação. No entanto, devido às limitações de espaço que esse artigo deve respeitar, nos deteremos nesse momento no eixo cuidado de si e conhecimento de si, deixando as reflexões sobre a função do mestre nessa relação para discussões posteriores.

Do cuidado ao conhecimento de si: os modos de ser ou a racionalidade?

Na busca por continuar a sua reflexão histórica sobre o tema das relações entre subjetividade e verdade, Foucault apresenta aos seus alunos no curso de 1982 um novo ponto de partida teórico: *o cuidado de si mesmo*. De acordo com o filósofo, com esse termo, ele buscava “traduzir, bem ou mal, uma noção grega bastante complexa e rica, muito frequente também, e que perdurou longamente em toda a cultura grega: a de *epiméleia heautoû*” (2010: 4, *grifos no original*). Segundo ele, esse termo se refere ao “cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo, etc.” (*ibidem*).

Naquele momento, Foucault afirma ter ciência de como poderia parecer paradoxal que para estudar as relações entre sujeito e verdade ele estivesse buscando um termo tão marginal na historiografia da filosofia, sobretudo quando é de conhecimento de todos que a questão do sujeito ou conhecimento do sujeito por ele mesmo foi tradicionalmente posta “em uma fórmula totalmente diferente e em um preceito totalmente outro: a famosa prescrição délfica do *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”)” (2010:.4, *grifos no original*).

Sendo assim, porque colocar a questão dessa maneira? Porque pensar as relações entre o sujeito e a verdade a partir da noção de cuidado de si e não pela noção do conhece-te a ti mesmo? É exatamente essa problemática inaugurada por Foucault, mais precisamente no curso de 1982, que nos possibilita fazer a reflexão que nos propomos, principalmente a partir das inserções que ele faz nesse curso sobre as relações entre o cuidado de si e o conhece-te a ti mesmo.

Foucault vai identificar ao longo de suas análises históricas sobre esses dois termos uma tensão que leva a sobreposição de um sobre o outro, mas que se estudada mais acuradamente, por meio de uma busca, em especial, de suas primeiras manifestações, se é capaz de perceber a sua origem comum, seus pontos de interseção e o momento do distanciamento ou da exclusão de um pelo o outro.

Por conseguinte, para buscar essas origens e seu avanço ao longo da história, Foucault elenca três momentos-chave na filosofia, significativos para a compreensão das relações entre o conhecimento e o cuidado de si. Esses três momentos são: momento *socrático-platônico* de surgimento do cuidado de si; *período helenístico*, situado nos dois primeiros séculos de nossa era, considerado por ele, o período da idade de ouro da cultura de si mesmo e o momento da passagem *da ascese filosófica pagã para o ascetismo cristão*, identificado entre os séculos IV-V. Em *A Hermenêutica do sujeito*, Foucault terá a oportunidade de se deter apenas sobre os dois primeiros momentos - o do surgimento e o momento de ouro da cultura de si mesmo. O terceiro período não será possível a ele desenvolver. Conquanto, é exatamente sobre esses dois momentos que se conduzem os eixos desse trabalho: o momento socrático-platônico como aquele em que ganha visibilidade a clássica tensão

entre cuidado de si e conhecimento de si e o momento helenístico, por sua vez, como aquele em que é possível, entre outras coisas, pensar o papel do mestre no cuidado de si.

Segundo as análises de Foucault, o momento socrático-platônico, no qual manifesta-se a questão do cuidado de si, nos faz compreender, sobretudo, certos aspectos do grande “paradoxo do platonismo” na história do pensamento, não somente do pensamento antigo, como também do pensamento europeu, pelo menos até o século XVII (Foucault, 2010, p.72). De acordo com ele, esse paradoxo se manifesta da seguinte forma:

De um lado, o platonismo foi o fermento, e pode-se mesmo dizer o principal fermento, de movimentos espirituais diversos, na medida em que, com efeito, ele concebia o conhecimento e o acesso à verdade somente a partir de um conhecimento de si que era reconhecimento do divino em si mesmo. Por isso, vemos bem, para o platonismo, o conhecimento, o acesso à verdade só se poderia fazer nas condições de um movimento espiritual da alma em relação consigo e com o divino [...] Mas vemos, ao mesmo tempo, quanto o platonismo pôde ter sido, constantemente também, o clima de desenvolvimento do que poderíamos chamar de “racionalidade” [...] De sorte que o platonismo desempenhará parece-me, ao longo de toda a cultura antiga e da cultura europeia, esse duplo jogo: recolocar incessantemente as condições de espiritualidade que são necessárias para o acesso à verdade e, ao mesmo tempo, reabsorver a espiritualidade no movimento único do conhecimento, conhecimento de si, do divino, das essências (FOUCAULT, 2010:72, *grifos no original*).

Contudo, a questão é: porque ver como *paradoxo* a relação entre cuidado de si e conhecimento de si? Porque não seria possível compreender ambas com partes de um mesmo movimento de constituição de si? Ou seja, porque a escolha por uma, deveria necessariamente excluir a outra? É o que Foucault nos ajudará a compreender com sua pesquisa histórica, indicando certos elementos dessa dissociação que nos faz herdeiros dessa forma de compreender as relações entre sujeito e verdade, tomando como excludentes as relações entre modos de ser e racionalidade.

Em sua pesquisa, Foucault nos mostra que quando o preceito délfico *conhece-te a ti mesmo* aparece no pensamento filosófico em torno do personagem de Sócrates ele surge, “algumas vezes de maneira muito significativa, acoplado, atrelado ao princípio do “cuida de ti mesmo”” (2010: 6,

grifos no original). Mais do que isso, para Foucault, em alguns textos antigos, não se trata de um acoplamento simplesmente “é bem mais como uma espécie de subordinação relativamente ao preceito do cuidado de si que se formula a regra “conhece-te a ti mesmo”” (*ibidem, grifos no original*). Em especial, no conhecido texto do Alcibíades o cuidado de si se torna “o quadro, o solo, o fundamento a partir do qual se justifica o imperativo do “conhece-te a ti mesmo”” (2010: 9, *grifos no original*).

Foucault afirma também que a noção de cuidado de si “acompanhou, enquadrou, fundou a necessidade de conhecer a si mesmo não apenas no momento de seu surgimento no pensamento, na existência, no personagem de Sócrates” (2010: 9-10), mas que ela “não cessou de constituir um princípio fundamental para caracterizar a atitude filosófica ao longo de quase toda a cultura grega, helenística e romana” (2010: 10).

Mas isso não é tudo. Foucault nos relata ainda que não foi somente entre os filósofos que a noção de cuidado de si foi fundamental. Ele destaca que esse princípio tornou-se de modo geral, especialmente no pensamento helenístico, “o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse, efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral” (2010: 10). A extensão desse princípio foi tamanha que Foucault atesta que ele pode ser considerada como um verdadeiro “fenômeno cultural de conjunto” (*ibidem*).

Seguindo as suas análises, Foucault destaca que é possível reencontrar a noção de cuidado de si também no cristianismo, ressaltado logicamente que no curso dessa longa história, a noção se ampliou e que multiplicaram-se e deslocaram-se as suas significações.

Não obstante essas variações e deslocamentos, é possível reter da noção de cuidado de si, três elementos constituintes: 1- refere-se a uma *atitude geral* – “um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro” (Foucault, 2010: 11) -; 2- refere-se a uma *forma de olhar* – “é preciso converter o olhar, do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”” (*ibidem: 12, grifos no original*) – 3- refere-se a *exercícios sobre si mesmo* – “ações que são exercidas de si para consigo, ações pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos” (*ibidem*).

Sendo assim, porque, a despeito de toda essa presença e significação na história antiga, o cuidado de si foi desconsiderado ao longo do pensamento e da filosofia ocidental? Porque se exaltou com tanta intensidade o conhece-te a ti mesmo e se deixou à margem o cuidado de si, uma vez que, como bem identificado por Foucault, no início, ambos estavam atrelados ao um mesmo conjunto de práticas e significações?

Foucault levanta algumas hipóteses nesse sentido, a princípio vinculadas a paradoxos da história moral. Contudo, suas análises se voltam de fato para uma “razão bem mais essencial” (2010: 14), segundo suas próprias palavras. Trata-se de uma razão que ele intitulou “momento cartesiano”. Esse nome precário, de acordo com o filósofo, refere-se, na verdade, a uma época, a um período da história, “sem que isso signifique que é de Descartes que se trata, que foi exatamente ele o inventor, o primeiro a realizar tudo isso” (*ibidem*: 18).

Para Foucault, esse “momento cartesiano” atuou de duas maneiras: *requalificando* filosoficamente o conhece-te a ti mesmo e *desqualificando* em contrapartida o cuidado de si. Isso porque, durante o período da Antiguidade, mesmo sobre modalidades bastante diferentes, “a questão filosófica de “como ter acesso à verdade” e a prática de espiritualidade [...] são duas questões, dois temas que jamais estiveram separados” (Foucault, 2010: 17, *grifos no original*). Para os pitagóricos, para Platão, para os estoicos, os cínicos, os epicuristas, os neoplatônicos, etc., afirma Foucault (2010), o tema da filosofia - “como ter acesso à verdade?” - e a questão da espiritualidade - “quais são as transformações no ser mesmo do sujeito necessárias para acesso à verdade?” - são questões que nunca estiveram separadas. Logo, ao conhecimento da verdade, estava atrelado um conjunto de “práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões de olhar, as modificações de existência, etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade” (Foucault, 2010: 15).

Todavia, no momento em que passamos a admitir que o que dá acesso à verdade, ou as condições para se alcançá-la é única e exclusivamente o conhecimento, inauguramos, então, o que Foucault denomina de “momento cartesiano”. Momento esse em que “o filósofo [...] sem que mais nada lhe seja

solicitado, sem que seu ser de sujeito deva ser modificado ou alterado, é capaz, em si mesmo e unicamente por seus atos de conhecimento, de reconhecer a verdade e a ela ter acesso” (*ibidem*: 18). Isso não significa que a verdade seja obtida sem condições, reconhece Foucault, mas essas agora são de duas ordens diferentes e não concernem mais à espiritualidade. A primeira é de ordem intrínseca ao conhecimento: condições objetivas, formais de método e de estrutura do objeto. A segunda refere-se às condições extrínsecas ao conhecimento: condições culturais e morais. Seja pelas condições intrínsecas, seja pelas extrínsecas, nenhuma delas concerne ao sujeito no seu ser, “só concernem ao indivíduo na sua existência concreta, não à estrutura do sujeito enquanto tal” (*ibidem*: 18).

De acordo com Foucault, a partir desse momento, em que se desvinculou o sujeito como uma das condições que possibilitam o acesso ao conhecimento, acabamos por entrar “numa outra era da história das relações entre subjetividade e verdade” (*ibidem*). A consequência dessa desvinculação, desse esquecimento dos modos de espiritualidade necessários ao conhecimento é, segundo ele, encontrar a recompensa e a completude tão somente no próprio caminho indefinido do conhecimento. “Aquele ponto de iluminação, aquele ponto de completude, aquele momento da transfiguração do sujeito pelo “efeito do retorno” da verdade que ele conhece sobre si mesmo, e que transita, atravessa, transfigura seu ser, nada disso pode mais existir.” (*ibidem*: 19, *grifos no original*). A verdade torna-se, pois, incapaz de salvar o sujeito.

Essa predominância do conhecimento sobre o cuidado, de uma não relação entre o sujeito e o saber, de certa forma, funda até hoje o nosso “modo de ser moderno”, e estabelece as condições de uma educação fortemente marcada pela predominância da racionalidade, do conhecimento, sobre os modos de ser. Por conseguinte, a instrução é tida como o principal a ser desenvolvido e aprendido pelos alunos. Um acúmulo de informações cada vez maiores prevalece em um espaço no qual o sujeito é considerado incólume a esses saberes, como um depósito de informações simplesmente. Michel Serres, em *Filosofia mestiça*, nos ajuda a compreender melhor essa predominância da instrução sobre os modos de ser e a pensar os caminhos de

uma educação no qual essa separação entre conhecimento e espiritualidade seja superada.

O mestiço instruído

Filosofia mestiça é uma bela obra do filósofo Michel Serres, publicada na França em 1991 sob o título *Le tiers instruit*, na qual a questão epistemológica da reconciliação entre os saberes - das ciências humanas ou sociais e as ciências exatas - se destaca². Contudo, o que mais chama atenção nessa obra é que todo o desenvolvimento dessa problemática é realizado por meio de uma reflexão sobre o indivíduo que aprende, ou seja, sobre aquele sujeito em razão do qual se desenvolve a instrução. Observemos que o título original em francês se refere ao “terceiro instruído”. Ele, o sujeito terceiro, ou como na tradução em português - muito elogiada pelo filósofo - o mestiço. Portanto, trata-se de uma reflexão sobre o conhecimento, ou sobre a relação entre os diferentes saberes, mas que é feita sobre a égide de um sujeito que se instrui e nessa instrução cria seu modo ser mestiço.

Com isso, Serres nos ajudará a refletir a partir de *Filosofia mestiça* sobre dois aspectos da relação entre conhecimento e práticas de espiritualidade: primeiramente, que o conhecimento não se efetua a par de um sujeito, única e exclusivamente por ele mesmo, ou seja, que não é possível pensar condições para o conhecimento sem refletir conseqüentemente nas condições de um *sujeito* necessário a esse conhecimento e, posteriormente, quais são algumas dessas condições e de que forma elas exigem o aprendizado e a transformação daquele que conhece.

Como destaca Oliveira e Santos, a questão epistemológica subjacente à *Filosofia Mestiça* consiste em pensar “como nossos principais saberes se perpetuam hemiplégicos. Ou seja, como aconteceu de as ciências humanas ou sociais não falarem jamais do mundo e as ciências, ditas “duras”, deixarem os homens de lado?” (2007: 130, *grifos no original*). Uma fala do mundo com exatidão, mas esquece completamente a história e a cultura; a outra fala do homem de modo imperturbável, mas ignora o mundo e suas mudanças

² Como observa Oliveira e Santos (2007), a questão epistemológica sobre a aproximação entre a filosofia e a literatura, por exemplo, é um dos problemas que mais assedia Serres de livro a livro (cf., nesse sentido, SERRES, 1969, 1972, 1974, 1977, 1980).

(Serres, 1990). Por conseguinte, o que Serres procura é uma reconciliação dos saberes das ciências duras e das humanas. Saberes esses que tão pouco se toleram. Com esse ódio entre irmãs, cada uma continua com um lado de seu corpo paralisado, arrastando um outro lado morto. “Fazê-las aprender a caminhar com os dois pés. A utilizar as duas mãos é, para Serres, um dos deveres da filosofia” (Oliveira e Santos, 2007: 130).

Essa reconciliação é imprescindível e necessária porque, segundo o filósofo há dois focos que regulamentam o conhecimento: *a razão e a dor*. Trata-se, na verdade, de uma regulação de origem, visto que “a razão cruza a violência, a guerra, as doenças, a morte se depara com o problema do mal, tradicional em filosofia” (Serres, 1993: 82). A razão, pois, busca o universal, mas diante dela existe um universo cultural induzido pelo problema do mal. Assim, “no paraíso perdido das nascentes e da relva verde, o saber universal descobre o mal singular, injustiça, amores frustrados, violência, crime, fome” (*ibidem*: 84). Os dois focos, razão e dor, se cruzam e se complementam na constituição dos saberes por meio de uma articulação entre singular e universal. A razão buscando as raízes, a fonte, a fundação em espaços intelegíveis, a dor, ao seu tempo, gritando pelo singular, pela cegueira, a fraqueza e a fragilidade. A ciência, então, passa a ocupar agora o lugar de Deus, afirma Serres (1993). Antes se acusava a este último de produzir o sofrimento e a infelicidade. Nesse momento, sabemos e somos eficientes graças à ciência. É nela e por ela, portanto, que o universal da ação e do pensamento reencontra hoje o escândalo do mal e por meio dele descobre a cultura. Isso porque:

Nada na ciência ajuda, de fato, a suportar a finitude, nem a pensar a morte das crianças, a injustiça que atinge os inocentes, o triunfo permanente dos violentos, a felicidade fugidia do amor nem a estranheza do sofrimento...enquanto para isso colaboravam culturas cujo enraizamento local deixava, de maneira fácil ou incômoda, a sabedoria entrar na carne singular. (SERRES, 1993: 83)

Para Serres, “desde que nasceu a literatura lamenta a miséria e o sofrimento. A ciência ainda não aprendeu a linguagem desse soluço” (1993: 84). Assim, a ciência encontra a cultura quando ela descobre ou produz dor,

mal e pobreza. A razão busca o universal, mas diante dela surge sempre um universo cultural, singular, atrelado ao velho problema do mal. É nesse sentido, pois, que Serres afirma que o conhecimento está articulado entre dois *cogitos*: *nos pensamos e eu sofro*. Em um, “a razão científica, clara, sol faiscante” (1993: 84), no outro, “todo indivíduo encarnado singular sofredor e que agoniza sob a dureza dos homens” (*ibidem*). O conhecimento nos vem, então, “pelo patético e pela razão, inseparáveis, ambos universais, um no foco da ciência e a outra no das culturas. Nós pensamos porque eu sofro e porque assim é” (1993: 85). O conhecimento e a racionalidade deixam de valer por si mesmos. Há agora um segundo foco que induz e origina o saber: a dor e o sofrimento.

Por essa razão, o filósofo defende a necessidade da superação da divisão entre os saberes. As ciências do mundo e as ciências humanas precisam uma das outras para a superação da hemiplegia do conhecimento. “Sem a primeira clara, a segunda seria irracional, mas sem a segunda, quente, a primeira seria insensata” (Serres, 1993: 85). Se os dois focos estão na origem, é preciso, pois, que se unam, se encontrem e superem a “tola patologia da divisão” (*ibidem*).

Mas para tanto, faz-se necessário um ciclo de instrução próprio a essa superação, isto é, um ciclo de instrução que consiga “preencher o lugar das ciências que expiram porque não avançam mais e que não avançam porque não formam ninguém e porque não se forma ninguém sem as ciências exatas, sem a história das ciências, a tecnologia” (*ibidem*: 85), bem como não se forma ninguém “sem o direito nem a filosofia, sem a história das religiões e as literaturas” (*ibidem*). É nesse sentido que:

o mestiço instruído deve sua criação, sua instrução e sua educação, seu engendramento enfim, à razão, sol brilhante que preside os saberes científicos, assim como à segunda razão, [...] mas ardente no segundo foco, que não surge apenas do que pensamos, mas do que sofremos. Esta razão não pode ser apreendida sem as culturas, os mitos, as artes, as religiões, os contos e os contratos [...] A igual distância das duas, o mestiço instruído é engendrado pela ciência e pela compaixão. (SERRES, 1993: 85)

O engendramento do mestiço instruído pelos seus dois *cogitos* nos faz pensar, portanto, uma proposição ou pelo menos uma denúncia para a

necessidade de superação do “momento cartesiano” que relatamos anteriormente. Ao afirmar um segundo foco de engendramento do saber - o sofrimento - Serres não apenas retira as condições do conhecimento do âmbito do próprio conhecimento, como volta a vincular essa condição ao sujeito, ao que ele sente, ao que ele sofre, ao problema do mal. Essa vinculação entre o saber e a dor, tem ainda o mérito de tocar numa velha ferida do marco da objetividade científica de nossa era, isto é: a responsabilidade das descobertas científicas com o destino da humanidade. Essa ferida é muito bem representada pelas consequências das guerras, dos grandes desenvolvimentos tecnológicos acompanhados de sérios problemas ambientais, da bomba atômica, da produção de riquezas frente à miséria e à fome em muitos países, etc.

É preciso voltar a pensar que o saber deve ser capaz de salvar o sujeito, do contrário, as consequências de uma ciência, de um conhecimento por ele mesmo, sem a busca de modos de ser, ou seja, de uma preparação do sujeito para esse e diante desse saber, podem ser cada dia mais cruéis para o mundo e a humanidade. O mestiço instruído de Serres faz esse apelo e demonstra que uma das condições hoje para a afetação do sujeito que conhece é a associação entre o conhecimento e a cultura, entre as ciências humanas e as exatas. Uma associação entre a razão e a sensatez, a potência e a fraqueza, o conhecimento e a cegueira, o universal e o singular (Serres, 1993).

Além disso, Serres destaca outras condições ao mestiço instruído na sua busca pelo conhecimento e a constituição de si que vão desde uma postura diante da instrução até “dietéticas da obra”. Enquanto postura, é preciso que se estude muito, que se torne erudito, que se frequente as bibliotecas, mas depois e para que haja um depois, é preciso que se saia das bibliotecas e se corra para o ar puro. “Se continuar lá dentro, nunca escreverá nada além de livros feitos de livros. Tal saber, excelente, contribui para a instrução, mas o objetivo desta é alguma coisa que não está nela mesma. Do lado de fora você tem outra chance” (Serres, 1993: 71).

Da mesma forma, Serres, afirma haver uma higiene, uma dietética da obra para o conhecimento:

Comece pela cultura física, as sete horas regulares de sono e o regime alimentar. A vida mais severa e a disciplina mais exigente: ascese e austeridade. Resista ferozmente aos discursos em volta que afirmam o contrário. O que debilita, esteriliza: álcool, fumaça, noitadas e farmácia. Resista não só às drogas narcóticas mas sobretudo à química social, de longe a mais forte e, portanto, a pior: às mídias, aos modismos [...] A obra [...] vem, então, da disposição única dos neurônios e dos vasos sanguíneos. Jamais da banalidade coletiva. Inverso da moda, inverso do que se diz, ela resiste por definição às mídias, ou melhor, à média (SERRES, 1993: 108).

Assim como essas condições de postura ou de condicionamento físico, Serres irá tratar ainda de outras condições necessárias ao sujeito e seu modos de ser mestiço ao longo de toda *Filosofia mestiça*. Em especial, nessas condições, destaca-se a figura do mestre como aquele que possibilita ao outro esse cuidado de si ou a mestiçagem. Isso porque, como bem afirma Foucault (2010: 117), o sujeito não pode ser operador de sua própria transformação e nisso se fundou a mestria no pensamento clássico. Em Serres, esse mestre é aquele que contraria, que lança o aprendiz para fora, retirando-o do conforto de seu abrigo e o lançando às intempéries do desconhecido. Todavia, não obstante as muitas interseções que o eixo da mestria suscita entre o trabalho de Serres e o de Foucault, nos deteremos por aqui, deixando essa discussão para uma outra oportunidade.

Considerações Finais

Este artigo buscou refletir a partir de aproximações entre *A Hermenêutica do sujeito* e *Filosofia mestiça* sobre o esquecimento do cuidado de si e seus reflexos para a educação. Através das análises de Foucault, buscamos demonstrar de que forma foram desassociadas ao longo da história as concepções de cuidado e conhecimento de si e que essa dissociação trouxe como uma das consequências, a concepção de que o sujeito e o conhecimento não se constituem num mesmo processo. Logo, não há implicações de um sobre o outro, o que equivale a dizer que o saber não é capaz de modificar o sujeito, bem como não são necessárias modificações no ser mesmo do sujeito para que ele tenha acesso à verdade. Essa concepção da não relação entre sujeito e conhecimento, de certa forma, funda o nosso modo de ser moderno e

constitui, em especial, as práticas de ensino nas escolas. Aos alunos basta o acúmulo de informação e instrução.

Neste mesmo sentido, Michel Serres, nos auxilia a compreender o engodo da preponderância do conhecimento sobre o sujeito ao nos mostrar que todo o saber está orientado, não em um, mas em dois *cogitos*: a razão e o sofrimento. Ao ignorar a existência do segundo *cogito*, a humanidade se arrisca em produzir cada vez mais atrocidades e violências, pensando única e exclusivamente sobre a égide da razão. E mais do que isso, ela é forçada a conviver com um vazio e uma incompletude, não encontrando respostas para o velho problema do mal que sempre lhe assolou. Onde encontrar consolo para as dores, os sofrimentos, as angústias da humanidade?

Pois bem, a ciência por si só não é suficiente. O sujeito existe, ele não apenas pensa, ele sofre. É preciso buscar, não só na racionalidade o consolo e a superação das mazelas humanas. E essa busca por sua vez, segundo Serres, necessita de um trabalho do sujeito sobre si mesmo. Ele precisa criar as condições para superar a hemiplegia dos saberes. Ele precisa aprender as condições para transitar entre o conhecimento e o mundo. Ele precisa aprender a se tornar um mestiço instruído. E para tanto, o mestre, aquele que ajudará o aprendiz a engendrar em si as condições de se tornar um mestiço instruído.

É dessa forma, portanto, que os conceitos *cuidado de si* e *educação como mestiçagem* nos impulsionam a retomar no processo educativo a necessária compreensão da formação do sujeito e de sua relação com a verdade, superando o olhar para a constituição de si, permeada unicamente pela sobreposição do conhecimento às demais formas de atuação sobre si. Há, pois, que se buscar as concepções de condução espiritual e de relação com o mundo para que as condições de possibilidade dessa superação aconteçam.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, M.(2010) ***A Hermenêutica do sujeito***. WMF Martins Fontes. São Paulo,

OLIVEIRA, W. C. de; SANTOS, M. E. E. dos. (2007) “A educação como mestiçagem em Michel Serres”. In: OLIVEIRA, W. C. de; PEREIRA, L. H. P.

(Org.) (2007). **Práticas educativas**: discurso e produção de saberes. E-papers. Rio de Janeiro. pp. 119-145.

SERRES, M. (1969) **Hermès I**. La communication. Minuit. Paris

_____ (1972). **Hermès II**. L'interférence. Minuit. Paris.

_____ (1974). **Hermès III**. La traduction. Minuit. Paris.

_____ (1977). **Hermès IV**. La distribution. Minuit. Paris

_____ (1980). **Hermès V**. La passage du Nord-Ouest. Minuit. Paris.

_____ (1990). **Entrevistas do Le Monde**: Filosofias. Ática. São Paulo. pp.178-189.

_____ (1993). **Filosofia mestiça**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro.

Maria Emanuela Esteves dos Santos

Doutoranda e mestre em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ. Desenvolve pesquisas na área de Educação com ênfase em Fundamentos da Educação, seus aspectos filosóficos e novas tecnologias e educação.

manu_esteves@yahoo.com.br

Faculdade de Educação/Unicamp.

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.